



Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

Cunha Leal e os primórdios da Segunda Guerra Mundial - I

<http://hdl.handle.net/11067/5639>

Metadados

Data de Publicação

2007

Resumo

O presente artigo analisa o pensamento político de Francisco Pinto da Cunha Leal sobre a Europa, nos primórdios da Segunda Guerra Mundial. As suas observações definiem o conjunto de valores da civilização europeia confrontada com os regimes totalitários da época. Civilização europeia que é o produto da tradição greco-romana e cristã, mas com contributos posteriores, que vão do humanismo renascentista, ao liberalismo e se identifica com a democracia moderna existente na França e na Grã-Bretanha....

The current article analyzes the political thoughts of Francisco Pinto da Cunha Leal about Europe, in the beginning of the Second World War. His observations define the set of values of European civilization when faced with the totalitarian regimes of the time. The European civilization is the product of the Greek-Roman and Christian traditions, with later contributions that range from the renaissance humanism to the liberalism and it identifies itself with modern Democracy as it exists in Fra...

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 04 (2007)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:20:42Z com informação proveniente do Repositório

**CUNHA LEAL E OS PRIMÓDIOS
DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - I**

Júlio Rodrigues da Silva
Universidade Lusíada de Lisboa
jrodriguesilva@sapo.pt



Resumo

O presente artigo analisa o pensamento político de Francisco Pinto da Cunha Leal sobre a Europa, nos primórdios da Segunda Guerra Mundial. As suas observações definem o conjunto de valores da civilização europeia confrontada com os regimes totalitários da época. Civilização europeia que é o produto da tradição greco-romana e cristã, mas com contributos posteriores, que vão do humanismo renascentista, ao liberalismo e se identifica com a democracia moderna existente na França e na Grã-Bretanha.

Palavras-chave

Europa / Civilização / Cristianismo / Totalitarismo / Guerra.

Abstract

The current article analyzes the political thoughts of Francisco Pinto da Cunha Leal about Europe, in the beginning of the Second World War. His observations define the set of values of European civilization when faced with the totalitarian regimes of the time. The European civilization is the product of the Greek-Roman and Christian traditions, with later contributions that range from the renaissance humanism to the liberalism and it identifies itself with modern Democracy as it exists in France and Great Britain.

Key-Words

Europe / Civilization / Christianity / Totalitarianism / War.



Regresso ao passado

As dificuldades actuais da Construção Europeia, aparentemente ultrapassadas pela assinatura do novo Tratado de Lisboa em 2007, são apenas um aspecto de uma realidade mundial mais vasta e mais complexa. Na verdade, as dificuldades da economia mundial, sujeita a uma constante ameaça de crise financeira, da magnitude da crise de 1929, contribuem para a incerteza que pesa sobre a evolução futura da humanidade. A emergência fulgurante de novas potências, como a Índia e a China, produz alterações na correlação de forças existentes no sistema internacional. A relativa precariedade da dominância da única superpotência – os Estados Unidos da América – não permite antever com clareza a forma futura do mapa político do globo! A globalização mundial, a desintegração do sistema internacional em vigor desde 1945 devido ao fim da Guerra Fria em 1989, a crise do estado-nação, os massacres em massa e, finalmente, o terrorismo transnacional, são tudo elementos que criam um ambiente de caos mundial que não pressagia nada de bom¹. As incertezas sobre este futuro comum aumentaram, na ausência de uma instância internacional universalmente reconhecida, como resultado dos acontecimentos trágicos subsequentes à invasão do Iraque que descredibilizaram a O.N.U.. A evolução política mundial caracteriza-se, assim, pela existência de múltiplos cenários possíveis, sendo difícil descortinar uma única alternativa consensual às perplexidades actuais. Contudo, uma das hipóteses mais pessimistas aponta para a descoordenação global sintetizada num célebre relatório com a denominação ilustrativa do “Ciclo do Medo”². As névoas da realidade, se nos impedem de visualizar correctamente o devir político da humanidade nestes primórdios do segundo milénio, não impedem a realização de diversas reflexões e a elaboração de múltiplas análises sobre o mundo futuro. A situação presente não é totalmente nova pois, no passado, encontramos algo semelhante na crise dos anos 30 do século XX e nos primórdios da Segunda Guerra Mundial. Uma “viagem” a esse passado, relativamente afastado mas também ainda muito próximo de nós,

¹ Hobsbawn, Eric J., *Globalização, Democracia e Terrorismo*, Lisboa, Editorial Presença, 2008, p. 36-56 e p. 112-148.

² Adler, Alexandre (apresentação), *O Relatório da CIA como será o Mundo em 2020?*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2006 p. 201-223.

pode fornecer-nos as pistas para a melhor compreensão do presente. Assim, poderemos adquirir alguma confiança nas capacidades humanas de agir sobre uma realidade tumultuosa em constante e rápida mutação.

O testemunho das reflexões de políticos e homens públicos são fundamentais para percebermos esse passado problemático dos anos 30-40 do século XX e encontrarmos pistas explicativas do nosso caótico presente. Francisco Pinto da Cunha Leal (1888-1970), figura pública da Primeira República e posteriormente opositor do Estado Novo, foi autor de uma extensa obra, marcada por uma curiosidade intelectual e um pensamento social e político heterodoxo, impossível de catalogar em qualquer esquema previamente definido da história das ideias do século XX. A actividade política de oposição a Salazar levou-o ao exílio, em meados dos anos 30 em Espanha donde voltou aproveitando mais uma amnistia do regime, a tempo de contemplar os acontecimentos trágicos que conduziram ao deflagrar da Segunda Guerra Mundial³. Cidadão de um país neutral, foi um observador privilegiado da grande tragédia europeia iniciada em 1939 e terminada seis anos mais tarde em 1945. Este facto permitiu-lhe escrever e publicar uma obra em quatro volumes que cobre o período inicial do conflito entre Setembro de 1939 e Junho de 1940 e que intitulou “A Guerra Dia a Dia”⁴. Nela se expõe a sua visão da realidade político-militar desta época, articulada em torno do que denomina “Extractos do meu diário da guerra”, de carácter descritivo e reflexivo complementado por uma publicação de documentos oficiais. Os sucessivos “prefácios” e “introduções”, no início de cada volume, têm um carácter mais analítico, permitindo compreender as principais linhas de desenvolvimento do seu pensamento sobre a Europa dos primórdios da Segunda Guerra Mundial. Assim sendo, no presente artigo vamos focar as questões levantadas nos “prefácios” e “introduções” para encontrarmos os temas centrais das suas preocupações culturais e políticas. Abordaremos em posteriores artigos os conteúdos específicos dos seus “Extractos” que seriam incompreensíveis sem este trabalho prévio.

A civilização europeia

Se os textos são insubstituíveis para definir o pensamento de um autor, as dedicatórias no início de um livro são o testemunho da sua identificação com modelos de comportamento mais ou menos idealizado de personagens históricas. Seja como for, permitem-nos perspectivar em cada momento a intenção de cada

³ Sobre os aspectos específicos da vida de Cunha Leal consultar nomeadamente: Leal, Francisco Pinto da Cunha, *Coisas do Tempo Presente, Ilusões Macabras*, Lisboa, Edição do Autor, Janeiro de 1964, p. 180-181 e também Leal, Francisco Pinto da Cunha, *Coisas de Tempos Idos. As Minhas Memórias, Vol. III Arrastado pela Fúria do Tufão De 28 de Maio de 1926 a 4 de Dezembro de 1930*, Lisboa, Edição do autor, 1968.

⁴ Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia*, 4 vols. Lisboa/Rio de Janeiro, Imprensa Lucas & C.ª/Portugália Editora, 1939-1940.

escritora homenagear os seus ídolos intelectuais e humanos. Cunha Leal não escapa a esta regra, merecendo especial atenção as sucessivas e diferentes dedicatórias do seu livro, começando pelo primeiro dos quatro volumes. No primeiro volume aparece uma série de elogios a quatro líderes das duas democracias europeias em guerra com a Alemanha hitleriana: Neville Chamberlain e Winston Churchill pela Grã-Bretanha, Édouard Daladier e Paul Reynaud pela França. Mais do que uma aparente consciência das divergências individuais e das estratégias opostas destes homens, o que estava verdadeiramente em causa era uma certa visão da Europa. Esta ideia era indissociável da concepção da democracia, como a matriz cultural e política definidora de uma autêntica identidade europeia, em oposição ao mundo totalitário do fascismo/nazismo e do comunismo/estalinismo em plena ascensão neste final dos anos 30 do século XX. Neste mundo *orwelliano* a Europa Ocidental representava uma última linha de resistência democrática face às ditaduras de sinal contrário que já dominavam boa parte da Europa Central, do Leste e do Sul. Compreende-se que a primeira referência que faz seja um apelo explícito à Grã-Bretanha e à França, lembrando uma visão trágica do mundo tão ao gosto de pensadores tão díspares como Miguel de Unamuno, Friedrich Nietzsche e eventualmente Arthur Schopenhauer, leituras preferidas da sua geração⁵.

A admiração pelos homens políticos ingleses reflecte sem dúvida um certo fascínio pelas instituições parlamentares e pelo dinamismo vitoriano do império britânico. No caso francês é o aspecto democrático e popular do regime republicano que se soma à esperança num certo patriotismo militar, provável reminiscência da sua presença no C.E.P., na Primeira Guerra Mundial na frente da Flandres. O facto dos quatro governantes pertencerem a regimes políticos diferentes e a correntes políticas opostas é relativamente indiferente para Cunha Leal apenas preocupado em salientar um consenso, ou frente comum em torno da defesa da democracia representativa face às potências do Eixo no início da Segunda Guerra Mundial. No segundo volume, a dedicatória é, simultaneamente, mais pessoal e mais extensa nas suas formulações políticas pois dirige-se aos filhos assumindo o carácter de uma espécie de testamento ético e político⁶.

⁵ Cfr. “Aos homens que dirigem a política da Grã-Bretanha e da França nesta hora de trágicas e viris resoluções e, em especial, a NEVILLE CHAMBERLAIN, em quem se incarnam as superiores virtudes da raça inglesa – a paciência, a honestidade, a lealdade e a intransigência; WINSTON CHURCHILL, herdeiro espiritual dos grandes construtores do império britânico na era vitoriana; EDOUARD DALADIER, homem do povo, guindado à sua alta posição actual pela sua inteligência, tenacidade e patriotismo; PAUL REYNAUD, o financeiro ideal da magna empresa guerreira da França, Homenagem do *AUTOR*”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 5. As referências aos autores que o marcaram na juventude são dadas pelo autor. Consultar: Leal, Francisco Pinto da Cunha, *Coisas de Tempos Idos. As Minhas Memórias, Vol. I Romance duma época, duma família e duma vida de 1888 a 1917*, Lisboa, Edição do autor, 1966, p. 215-216.

⁶ “*A minhas filhas Zita e Maria Helena, A meus filhos José Francisco e Artur: Esta segunda série dos meus apontamentos sobre a guerra é posta sob a invocação do vosso nome. Incita-me a isso não apenas a infinita ternura do meu coração de pai, mas ainda o facto de vocês serem junto de mim os representantes da geração que ensaia os seus primeiros vãos precisamente na ocasião em que um autêntico terramoto está destruindo, por esse mundo além, vidas, riquezas materiais acumuladas pelas gerações transactas e valores*”

A primeira constatação é a fragilidade do património civilizacional europeu a legar às novas gerações ameaçado por um “terramoto” que destrói as bases materiais e culturais que constituem a sua matriz identitária. O cristianismo medieval aparece como o fundamento religioso e cultural dos valores europeus que importa preservar perante as doutrinas totalitárias que identifica sintomaticamente com *Moloch*, o deus fenício que “devorava” as suas vítimas. O humanismo cristão é assimilado à tradição do liberalismo republicano na recusa da onnipotência do estado e na defesa da pessoa humana e da justiça⁷. O neopaganismo do general Ludendorff, especialmente virulento na sua vertente anti-cristã, traduz-se no imoral triunfo da lei do mais forte que é em simultâneo a vitória da fera humana. O pangermanismo moderno é o seu par ideal, transpondo para o plano das relações internacionais a lei da selva que esmaga sem piedade os países mais fracos às mãos dos mais fortes⁸.

O optimismo indomável que ressalta destas últimas palavras permite-lhe afirmar a sua convicção na vitória da “virtude contra o crime, do bem contra o mal” e, portanto, de um conjunto de princípios éticos que transmitiu aos filhos capazes de os fazer enfrentar as duras realidades do presente sem os sujeitar a um verdadeiro martírio. A sua crença no progresso da espécie humana, mesmo se esse progresso não se apresenta sob a forma de uma linha recta mas sim de um espiral com os seus altos e baixos ou antes avanços e recuos⁹. Os valores espirituais

ideais que, desde o enraizamento do cristianismo na Europa, haviam sido incorporados no património da civilização e haviam resistido, vitoriosamente, a múltiplas renovações dos princípios superiores da cultura humana.”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 5.

⁷ “Hoje as doutrinas totalitárias pretendem imolar em holocausto ao Moloch da conveniência estatal tôdas as virtudes que meus pais me apontaram, convictamente, como preceitos de origem quási divina, porquanto, se bem que brotando do manancial da razão humana, são o produto de uma sementeira de Deus na consciência atormentada dos míseros mortais. Quero referir-me: à honra, ao pudor, à modéstia, à lealdade nas relações entre os particulares e entre os povos, ao culto pela palavra dada, ao respeito pela pessoa física e moral dos nossos semelhantes, sem distinção de côres e de raças, à intangibilidade dos que se acolhem à nossa hospitalidade e amparo, à caridade para com os humildes e infelizes, à submissão da força à justiça e à protecção da fraqueza quando escudada com a justiça.”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 5-6.

⁸ “Não é apenas por capricho vesânico que os vários Ludendorffes pretenderam arrancar do coração dos seus compatriotas germânicos o culto de Cristo para o substituírem pela idolatria de Odín e fazer esquecer a ceia dos apóstolos pela evocação das tilitantes reuniões de hirsutos herois na Walhala celestial. O cristianismo conseguira realizar o milagre de obrigar a fera humana a auto-acorrentar-se. O pangermanismo hodierno pretende levá-la a quebrar essas correntes e, esfomeando-a, obrigá-la a tornar-se bravia, porque então, as relações dos homens e dos povos passariam a ser reguladas pela lei do mais forte; e já se supunha invencível pelo emprego insistente dos métodos da selva quando se lhe deparou, a propósito da Polónia, a, para êle, inesperada resistência do grupo franco-britânico. Do abalo, que então sofreu, ainda não se encontra perfeitamente refeito.” Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 6.

⁹ “Mas não é possível retrogradar dois milénios. A evolução humana é sinusoidal, tem seus altos e baixos como as marés, mas o eixo dessa curva é ascensional. Se, contudo, vocês estivessem condenados a viver durante um baixamar excessivamente fundo e duradouro da trajetória humana, preferiria ver-vos vencidos e humildes, mas bons, a saber-vos vitoriosos e poderosos mas cruéis.”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 7.

não são factores marginais na luta pelo progresso e pela justiça humanas mas antes condição essencial para o triunfo da boa causa inseparável de uma visão cristã da vida¹⁰. Assim sendo, existem boas razões para ter esperança no futuro, se houver a coragem de lutar por um mundo melhor já antevisto por alguns como Lord Halifax:¹¹ Na verdade, a queda da Polónia às mãos de Adolf Hitler e de Joseph Stalin em Setembro de 1939 não o deixa totalmente pessimista, pois tem esperança numa reacção conjunta franco-britânica que permita derrotar a Alemanha nazi. O volume seguinte apenas apresenta uma pequena dedicatória reflectindo a evolução negativa dos acontecimentos político-militares marcados pelo declínio da resistência da Finlândia face à U.R.S.S. na Guerra de Inverno (Novembro de 1939-Março de 1940) e a aparente estagnação militar na Frente Ocidental entre os aliados e os alemães. Os triunfos da Alemanha nazi sobre a Polónia e da Rússia estalinista sobre a Finlândia marcam a ascensão contínua de duas das mais importantes potências totalitárias ambas nos antípodas dos valores culturais e políticos da Europa! Daí a dedicatória ser dirigida a todos aqueles que se continuam a bater e já se sacrificaram pelos elementos essenciais da civilização europeia que incorpora em proporções idênticas o legado greco-romano e a herança cristã¹². Finalmente, o quarto e último volume apresenta uma dedicatória que reflecte um receio de invasão do território nacional por um dos contendores da Segunda Guerra Mundial pondo em risco a independência nacional. A derrota dos aliados e a rendição da França, em Junho de 1940, deixa em aberto a possibilidade do alastrar do conflito militar a outras áreas das quais Portugal pode, ser um provável alvo das potências do eixo devido à Aliança Britânica e à posição estratégica do território metropolitano.

¹⁰ “Um homem, que, outrora, andou muito chegado a mim, bateu, um dia, as asas, dizendo-me, à despedida, que, decididamente, se não sentia com vocação mártir. Não quero ensinar-vos a dolorosa ciência do martírio, nem haverá necessidade disso. De facto, suponho que a grande massa dos seres humanos conhece hoje a eficácia da arma de combate representada pela posse de valores espirituais mais altos e transcendentais do que todos os que possam servir de base a transitórios sistemas de organização política e social, de valores que constituem uma tentativa para elevar o homem acima da sua mísera condição de mortal. Em tais condições, o triunfo da boa causa deve estar assegurado amplamente.”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 7.

¹¹ “Mas – repito – não há-de verificar-se esta negra e pejorativa hipótese. Depois da assoladora tempestade, há-de raiar no horizonte um sol límpido, não coado através das nuvens presagas. Talvez eu não consiga já ver o pleno desabrochar dessa época idílica, tão certo é que catástrofes, como a actual, fazem sentir-se duradouramente, repercutindo-se por mil e uma maneiras. Mas que importa isso se vocês, meus filhos penetrarem ainda em plena florescência da vida no recinto dêsse mundo novo em cuja antevisão se compraz o puritanismo austero de Lord Halifax e de tantos outros!”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 8.

¹² “À memória de quantos, no decurso desta luta, sacrificaram já a sua vida por um ideal de perfeição humana, inspirado nos princípios superiores da civilização greco-romano-cristã, dedica, comovidamente, estas páginas. O AUTOR.”, Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 5.

Espectador atormentado e observador sincero

As preocupações reveladas por este conjunto de dedicatórias em torno de uma imagem progressista, humana, liberal, democrática e cristã da Europa são desenvolvidas nos prefácios e sucessivas introduções dos quatro volumes, existindo uma inteligibilidade que resulta da coerência de um pensamento original, readaptando-se em função do rápido desenvolvimento dos eventos político-militares dos primórdios da Segunda Guerra Mundial. Não deixa assim de ser sintomático que no primeiro volume da sua obra comece por fazer uma reflexão sobre a história, numa introdução intitulada “Breves considerações preliminares”¹³. De salientar o recurso a Anatole France (1844-1924) para iniciar a sua análise da história. O escritor francês é um *dreyfusard*, livre pensador, anticlerical e membro da Liga dos Direitos do Homem francesa que evoluiu de uma posição relativamente conservadora para uma orientação de cariz socialista. A referência à sua visão do mundo não é casual, mas tem a intenção manifesta de marcar um posicionamento político específico do próprio autor. Anatole France serve-lhe, de imediato, para estabelecer uma determinada concepção da história enquanto “romance” ou “ficção” da realidade, construção artificial de um encadeamento lógico de factos que recusa o acaso, o acidente e a diversidade dos comportamentos individuais. A visão determinista e mecanicista da história do escritor francês não o satisfaz, pois a identifica com modelos idealizados do bem e do mal à maneira dos monstros e heróis de Plutarco ou Tito Lívio¹⁴. Isto não significa que não seja sensível ao sofrimento e à ansiedade universais face à tragédia contemporânea que se desenrola perante os seus olhos, mas considera mais importante controlar as emoções num esforço de racionalização dos acontecimentos que deve servir o homem comum, de certa maneira, a figura central da história. O aspecto teatral das grandes personagens pode emocionar e seduzir os leitores, porém, a irrealidade e irracionalidade desta análise não fornece as chaves para a compreensão do mundo, onde os seres humanos são muito mais complexos nas suas motivações e contradições constantes¹⁵. As

¹³ Cfr. Leal, Francisco Pinto da Cunha, “Breves considerações preliminares”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 7.

¹⁴ “(...) Sou uma criatura como quasi tôdas, ou seja, um espectador atormentado da tragédia contemporânea. Sinto-a no meu espírito e na minha carne como homem, como português e como pai. Parcial apaixonado, faço, contudo um esforço quási sobrehumano para raciocinar com lucidez, procurando assim desprender-me do complexo de sentimentos e ideias que tendem a limitar o meu campo visual. Sei bem que nem sempre o consigo, mas é precisamente dessa luta íntima, dessa vitórias e derrotas minhas, que pode resultar o interesse de um trabalho desta natureza. É que a vida é um integral das vidas dos infinitamente pequenos como eu. E, quiçá, os infinitamente pequenos de amanhã preferirão conhecer o que se passava dentro da alma dos infinitamente pequenos de hoje a tomar conhecimento das pomposas integrações da história, com varões a procederem como os de Plutarco e a falarem como os de Tito Lívio.” Leal, Francisco Pinto da Cunha, “Breves considerações preliminares”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 7-9.

¹⁵ “Os meus varões estão à vista de todo o mundo, como se habitassem em palácios com paredes de cristal. Falam para dizer a verdade ou para mentir conforme os cambiantes da sua moralidade. Procedem de uma forma ou outra segundo os impulsos das suas ambições e os interesses das nacionalidades de que são membros. O que

fragilidades desta abordagem histórica tornam-se mais graves no momento presente, caracterizado por uma catástrofe monumental resultante das múltiplas crises que atingiram a Europa e acabaram por reacender o conflito extinto em 1918. As incertezas resultantes deste novo episódio sangrento que concebe de forma semelhante à ideia de W. Churchill de uma nova “Guerra dos Trinta Anos” não permitem especulações ficcionais sobre o presente¹⁶. O essencial é realizar uma análise da realidade próxima, na sua metodologia da ciência política e das relações internacionais centrada numa observação objectiva dos factos:

“Com estes seres humanos, como personagens, com os factos históricos e não históricos de que vou tendo notícia como trama da acção, e com os erros e acertos das minhas impressões e previsões momentâneas, como fundo psicológico e traço de ligação entre as personagens e os factos, é que foram construídas as páginas que vão seguir-se. Falta-me a intuição e o método para saber extrair da aluvião dos fenómenos a lei que os rege. Falta-me ainda talento literário. Que importa! O que escrevi não ultrapassou os limites de um depoimento, que, se não tem a solenidade hierática de uma sentença histórica, pode, contudo, conter uma parcela daquela verdade que talvez a sentença não saiba reconhecer e respeitar. Quando a minha análise de um dia vem a revelar-se falsa no decurso dos dias seguintes, nem por isso volto atrás para emendá-la: deixo-a tal como está, porque, se a nossa vida espiritual encerra uma parte de verdade e de concepções justas, também abunda em erros e ilusões. Se ao descrevê-la, se lhe amputar uma destas componentes, ter-se-á substituído à realidade uma ficção semelhante...à história. Ora eu pretendo ser um observador sincero e não um moedeiro falso.”¹⁷

Definidas assim as bases metodológicas da investigação do presente, podia ter confiança e esperança num futuro melhor, embora o presente pudesse parecer terrivelmente sombrio.

A missão histórica da Inglaterra.

O autor considerou importante fornecer ao público a versão pessoal dos antecedentes da guerra, antes de fornecer um panorama dos acontecimentos políticos actuais. É fundamento das suas preocupações nesta matéria a divisão em quatro partes, correspondendo a outros tantos elementos centrais do sistema político internacional anterior à Segunda Guerra Mundial: “A Inglaterra e o equilíbrio europeu”, “A ambição devoradora de Hitler”, “Chamberlain contra

foram ontem ou o que quiseram ser e não foram, o que são hoje, os seus apetites culinários e sexuais, as suas famílias, a côr das fatiotas, os seus gestos, a estridência ou serenidade do seu tom oratório, o seu exibicionismo
Leal, Francisco Pinto da Cunha, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 9-10.

¹⁶ Cfr. Leal, Francisco Pinto da Cunha, “Breves considerações preliminares”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 8-9.

¹⁷ Cfr. Leal, Francisco Pinto da Cunha, “Breves considerações preliminares”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 9-10.

Hitler”, O pacto germano-russo”¹⁸! Não é difícil entender que os principais protagonistas da tragédia anunciada são essencialmente a Inglaterra parlamentar, a Alemanha nazi e a Rússia soviética; é em torno delas que tudo se vai decidir. Começando pela Inglaterra, considerada em princípio para o equilíbrio europeu, analisa as consequências da Primeira Guerra Mundial que destruíram o seu papel central na política internacional¹⁹. Na verdade, o centro político mundial identificado com a Grã-Bretanha entrou em colapso face à emergência dos Estados Unidos da América e do Japão como potências de primeiro plano. Contudo, o primeiro lugar não lhe foi roubado apenas por estes dois países, mas resultou principalmente da emergência do nazismo na Alemanha. Este fenómeno político é apreciado com extrema lucidez como o resultado do ressentimento alemão face à derrota na Primeira Guerra Mundial. O clima de histeria das massas foi aproveitado pelos nazis que encontraram um terreno fértil na história das mentalidades e da cultura do país, no ultra-romantismo desesperado, fúnebre, suicida, desejando transcender todos os limites humanos em busca do absoluto, exemplificado pelo livro *Werther* do pré-romântico J. W. Goethe. A insatisfação com a realidade quotidiana, presente nesta corrente de pensamento e sentimento, combinava-se com a crueldade dos bárbaros germânicos que identifica com o direito do mais forte que se transmuta na imagem do espaço vital retirado da geopolítica germânica dos séculos XIX e XX. Esta “desordem espiritual” explica o expansionismo e a agressão de Adolfo Hitler que viola todas as normas do direito público internacional, embora não esteja só, pois o *bolchevismo* também partilha esta confusão da soberania com a propriedade. No entanto, o longo entardecer da Grã-Bretanha não se deveu apenas a estes factores que lhe eram de certa maneira estranhos porque as principais causas foram a inexperience do idealismo internacionalista do partido trabalhista inglês de Macdonald, na linha do presidente americano W. Wilson no período imediatamente posterior a 1918. O pacifismo britânico do *labour* teve consequências perigosas no plano internacional: conduziu ao desarmamento unilateral da Grã-Bretanha e, contraditoriamente, enfraqueceu a Sociedade das Nações (S.D.N.), opondo-se às propostas do ministro

¹⁸ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 13-42.

¹⁹ “A guerra de 1914/18, a que já não é lícito chamar a Grande Guerra desde que se iniciou a de 1939, precipitou a aceleração do movimento evolutivo universal e arrancou á Inglaterra a sua posição de centro político exclusivo ou, sequer, predominante do nosso planeta. Amplificou-se e reforçou-se, de facto, a influência universal e a potência económica do norte-americanismo; definiram-se e amadureceram as ambições do niponismo; e o despeito germânico pelo assalto gorado de 1914 veio a cristalizar no espírito de desforra do nazismo, espécie de impulsão histórica de um povo forte, mas espiritualmente desordenado, oscilando entre o romantismo suicida de Werther e o nomadismo cruel das hordas germânicas. Tentaram estas, outrora, enxertar no edifício harmonioso do direito romano um conceito de propriedade reductível a esta frase sintética: *meu é tudo quanto o meu braço pôde conquistar e meu continua sendo o que o meu braço souber defender*. É esta norma fundamental que os teutões contemporâneos curam de replantar no campo do direito internacional. E, com ela, esta outra norma afim do bolchevismo: a confusão da propriedade com a soberania.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 15.

da guerra francês André Tardieu, na Conferência Mundial de 1932 que era favorável a dotá-la de uma força armada. As bases de uma política pacifista internacionalista ficavam minadas. Sem recursos militares suficientes a S.D.N. não podia desempenhar as funções de regulação na nova ordem internacional²⁰.

As fragilidades militares inglesas do império britânico, resultantes das contradições da sua política externa, foram completadas pela incapacidade de induzir a modernização das indústrias britânicas sem pôr em causa as legítimas aspirações das “grandes massas populacionais”. O resultado prático foi que a incapacidade de racionalizar a indústria inglesa se traduziu num atraso económico e num déficit financeiro incombustível com a aspiração de manter Londres como o centro financeiro mundial. Não se trata de criticar ou de pedir a cabeça do líder trabalhista; reconhece o seu patriotismo genuíno que o levou a cooperar, para o bem do seu país, agora sob orientação conservadora²¹. Todas estas observações já tinham, no essencial, sido descritas numa obra anterior de Cunha Leal e eram perfeitamente previsíveis dentro desta caracterização dos factores económicos e políticos do declínio relativo do poderio britânico. Porém, numa homenagem sincera mesclada de profunda admiração pelo povo inglês, reconhece que subestimou o dinamismo do seu patriotismo no livro *Portugal e Inglaterra*. A recuperação económica inglesa sob a égide do governo *tory* operou maravilhas num reduzido espaço de tempo ainda que se revelando incapaz de compreender as necessidades imediatas da defesa. O atraso daí resultante foi extremamente prejudicial e reflectiu-se na evolução posterior dos acontecimentos designadamente na crise motivada pela invasão italiana da Etiópia (1935-1936). Estes acontecimentos trágicos tiveram o condão de convencer os homens políticos ingleses da extrema fragilidade do império britânico e da óbvia impotência da S.D.N.²². Contudo, o factor mais importante não é propriamente o protagonismo do fascismo de Mussolini, mas a ascensão de Hitler no panorama político internacional, que induziu a reacção patriótica e o rearmamento inglês. Estas

²⁰ “(...) A Inglaterra desarmou unilateralmente e pôs tódia a sua fé na S.D.N.. Isto estaria certo se o areópago genebrino fôsse um Super-Estado, provido de força suficiente para domesticar as nações irrequietas e ambiciosas. Paradoxalmente, a Inglaterra opôs-se, porém, à proposta de Tardieu tendente a dotar a S.D.N. com êsse indispensável aparelho de força e condenou-a á inacção por impotência. E a grande nação insular, desarmada, com o exército transformado em miragem, com a aviação reduzida a pouco menos que zero, com a própria frota de guerra envelhecida e apenas com municamento para reduzidas horas de combate, confiou a sua sorte á periclitante boa-fé internacional e ao amparo de uma S.D.N. palavrosa e anémica, qual tuberculoso instalado na Suíssa para uma cura de repouso.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 16. Ver também: Steiner, Zara, *The Lights that Failed. European International History 1919-1933*, Oxford *Jistory of Modern Europe*, General Editors, Lord Bullock and Sir William Deakin, Oxford/New York, Oxford University Press, 2007, p. 633-816.

²¹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 16-18.

²² Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 18-19. Ver também: Leal, Francisco Pinto da Cunha, *Portugal e a Inglaterra*, Corunha, Imprensa Moret, 1932, p. 61-162.

são as condições essenciais para que a Grã-Bretanha volte a desempenhar o seu papel histórico de “mantenedora da ordem e equilíbrio europeu” sem a qual a civilização europeia não pode existir²³! Ou seja, o criticismo de Cunha Leal face a todas as acções condenáveis do passado do imperialismo inglês não o faz esquecer muito realisticamente a função de fiel da balança das potências da Europa. Aliás, condição essencial para a existência de uma civilização construída em torno de uma multiplicidade nacional e cultural não compaginável com qualquer poder absoluto ou totalitário. A “pérfida Albion”, do antigo radicalismo e republicanismo português da época do Ultimato (1890), da juventude e maturidade de Cunha Leal, torna-se na guardiã e protectora da liberdade e da democracia, valores fundamentais de uma identidade europeia.

O novo astro europeu – Hitler.

Em seguida, centra-se na análise das motivações e decisões dos líderes europeus conducentes ao desfecho trágico do início das hostilidades da Segunda Guerra Mundial. O ponto de partida é, sem dúvida, o fenómeno de ascensão e triunfo do nazismo na Alemanha, tomando como referência absoluta a figura do chanceler do *Reich* Adolfo Hitler. Como já foi referido, o ressentimento dos alemães na sequência da derrota na Primeira Guerra Mundial é considerado o caldo de cultura que permitiu a sua vitória²⁴. No entanto, o ressentimento tão ao gosto das filosofias políticas da época e ligado ao desejo de vingança não é a única explicação para o sucesso do líder nazi. Os erros da França e da Inglaterra permitiram o rearmamento germânico e a anexação da Renânia, sem reacção. Hitler jogou com as tendências pacifistas do povo inglês e com os receios franceses de empreender uma acção militar de forma unilateral para violar as

²³ “(...) Simultaneamente, começava a adensar-se sobre a Europa a nuvem negra do nazismo. O *Duce* iniciara uma obra de esclarecimento, que o *Führer* veio a completar.

Interromperei esta digressão pelo império britânico para me ocupar do novo astro europeu – Hitler. Foi ele quem conseguiu galvanizar a Inglaterra e a obrigou a rearmar-se por tal forma que se lhe tornasse possível reassumir, galhardamente, a sua missão histórica de mantenedora da ordem e do equilíbrio europeu – condição *sine qua non* para que não sossobre a civilização ocidental.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Antecedentes da Guerra”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 19. Não quer isto dizer que Cunha Leal esqueça que deveu a sua demissão de um dos governos da I República devido a um confronto com a Inglaterra ver a este propósito: Leal, Francisco Pinto da Cunha, *Portugal e a Inglaterra*, Corunha, Imprensa Moret, 1932, p. 217-222 e p. 235-237. Ver também: Milza, Pierre, *As Relações Internacionais de 1918 a 1939*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 166-176.

²⁴ “Hitler subiu ao poder porque, depois da derrota de 1918, foi o primeiro e único demagogo que conseguiu fazer vislumbrar aos olhos dos seus compatriotas, empobrecidos, humilhados e ofendidos, a perspectiva de uma desforra retumbante. Após o seu advento, imediatamente tratou de mobilizar todas as energias nacionais no sentido de reconstituir a potência militar do *Reich* como condição prévia para o ajuste de contas com as nações vitoriosas na guerra anterior.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 20.

limitações do Tratado de Versalhes (1919). As indecisões gaulesas indiciavam uma perigosa fragilidade da liderança política, incapaz de ter a coragem de tomar decisões arrojadas como o teria feito o já falecido Poincaré, representante dos governantes do tempo da Primeira Guerra Mundial. A sedução alemã da Inglaterra, acenando com um tratado naval bilateral (1935) que não impedia o rearmamento do seu exército, foi o ponto de partida para a quebra de todos os compromissos anteriores, mesmo os livremente assumidos como o de Locarno (1925). As hesitações da França, nascidas do receio de ser considerada uma potência desejosa de estabelecer uma hegemonia na Europa à custa da Alemanha, aumentaram esta incapacidade dos dois países reforçada com a germanofilia de boa parte da aristocracia inglesa²⁵. As aparentes fragilidades da economia da Alemanha estimularam esta complacência inglesa pois em 1935 parecia esta à beira do colapso e portanto na prática os nazis não teriam capacidade financeira para levar a bom porto o rearmamento do exército. As observações britânicas não tiveram, porém em consideração o impacto na economia germânica do esforço de reconstruir o seu potencial militar. A “*socialização*” da Alemanha implicou a sua transformação numa “*autarquia*” (autarcia) agravando o isolamento integral do país e reduzindo a um mínimo as trocas internacionais o que a conduziria a breve prazo à asfixia económica²⁶. Os factores de ordem ideológica do nazismo pesaram neste momento de forma decisiva pois o revanchismo militar transformou-se na justificação de uma política imperial na Europa em busca das matérias-primas essenciais à indústria germânica. O modelo de pilhagem dos recursos dos outros povos, seguindo o padrão do império romano no passado, tornou-se o *modus operandi* do expansionismo nazi²⁷. A originalidade de Hitler consistiu no facto de astutamente não ter iniciado este processo com um ataque frontal à Inglaterra e à França, como aliás já tinha decidido fazer quando escreveu o *Mein Kampf* (1925). Neste livro, propõe uma espécie de partilha do mundo entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, ficando a primeira com o domínio do império colonial extra-europeu

²⁵ “Encorajado pela inércia das nações democráticas, o *Führer* dos alemães continuou na sua faina de renegar compromissos, embora, como o de Locarno, não fôsem o produto de um *diktat*, aceite sob coacção, mas o resultado de negociações livremente iniciadas e conduzidas. A França, desejosa de não perturbar a paz e de demonstrar à Inglaterra a sem-razão de certas suspeitas britânicas no tocante a aspirações gaulesas de hegemonia continental, não tugia, nem mugia. Nesta época, e posteriormente, era moda, em Londres, cortejar o primo germânico e lamentar que a insensatez do imperador Guilherme o tivesse degradado a uma condição indigna de um grande povo. Para as diabruras do nazismo, a camarilha de Lady Astor e Lord Lothian reservava o seu mais fagueiro sorriso de indulgência. Ribbentrop era disputado por todos os salões aristocráticos e dava cartas no mundo diplomático. Decididamente, Hitler encontrava-se à vontade para fazer ressurgir perante a Europa apavorada o espectro do militarismo germânico.” Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 21-22.

²⁶ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 23-24. Ver Milza, Pierre, *As Relações Internacionais de 1918 a 1939*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 166-180.

²⁷ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 24-25.

e a segunda com o domínio territorial da Europa²⁸. A estratégia de Hitler implica voltar-se para leste, atacando os países mais fracos e contando com o apoio de Mussolini depois do “*pacto de aço*” (22/05/1939). A total impotência da S.D.N., face às suas agressões, revela-se nos anos de 1938 e 1939 nas sucessivas anexações da Áustria, Checoslováquia e de Memel²⁹. A questão seguinte era apreciar as reacções da Grã-Bretanha e da França, encarnações da civilização ocidental entendida como incompatível com as experiências totalitárias da época.

A candura e honestidade de Chamberlain.

Os anos imediatamente anteriores à Segunda Guerra Mundial são dominados na política britânica pela figura de Neville Chamberlain, primeiro-ministro nos anos de 1937-1940. Personagem extremamente controversa, ainda hoje objecto de debates acalorados entre os historiadores, merece aqui a análise de Cunha Leal que dele deixa uma imagem contraditória:

“Nos últimos anos, a política inglesa teve a boa sorte, que só agora reconheço como tal, de ser dirigida por alguém cuja própria candura e honestidade lhe permitiram ganhar tempo para a realização da tarefa ingente do rearmamento, sem, para tanto, carecer do recurso a práticas maquiavélicas sempre chocantes para as almas bem formadas. Escuso de dizer que estas apreciações se referem a Chamberlain. Com o seu pacifismo visceral e a sua paciência inesgotável, êste homem foi mais útil para a Inglaterra do que o seria o mais pérfido e manhoso dos diplomatas. No duélo que travou com Hitler acabou por impôr-se porque conseguiu transformar os triunfos do seu adversário e as derrotas próprias na vitória da sua Inglaterra.”³⁰

Cunha Leal valoriza, na aparente incapacidade de um *gentleman* britânico, herdeiro da tradição da época vitoriana, o esforço de manter uma coerência ideológica pacifista na linha de W. Wilson que demonstre a boa fé das democracias ocidentais. O sacrifício da Checoslováquia em 1938 decidido em Berchtesgaden e Munich nesse ano por Chamberlain e Daladier, não resultou apenas de uma

²⁸ “O que faz, porém, a originalidade da situação criada por Hitler é que êle só deve servir-se da Fôrça germânica para se impor pelo terror aos outros povos, devendo evitar por tôdas as formas, um conflito inicial à mão armada entre o *Reich* e as democracias ocidentais. Êle próprio acusou no *Mein Kampf* o imperador Guilherme de ter lançado a Inglaterra nos braços dos adversários do *Reich* com a sua política de mercantilismo, de expansionismo colonial e de disputa do domínio dos mares. Para Hitler, o dinamismo germânico deveria exercer-se, de comêço, no leste europeu, para não se arriscar a choques perigosos com o interêsse britânico.” Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 25-26.

²⁹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A ambição devoradora de Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 26-27. Ver Milza, Pierre, *ob.c.it.*, p. 213-220

³⁰ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Chamberlain contra Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 28.

ingenuidade ou cobardia política inadmissível, mas foi um esforço consciente para ganhar tempo para o rearmamento francês e inglês. A comunidade internacional tomava consciência da má fé nazi e, ao mesmo tempo, os aliados estariam numa posição militar mais forte face a Adolf Hitler³¹. A estratégia aliada tinha limites para a relativa complacência perante os progressos do programa de anexação do nazismo na Europa. Os argumentos para o caso da Checoslováquia estavam ligadas à existência no seu território dos *Sudetas*, minoria germânica de origem austríaca que reivindicava uma autonomia local. Adolf Hitler aproveitou-se deste facto para instrumentalizar o movimento e pressionar o governo checo, através de uma campanha de sabotagens e ataques armados. Finalmente invocou, depois do *Anschluss* austríaco em 1938, o direito dos povos a decidirem do seu destino, na linha do idealismo wilsoniano, para forçar a incorporação do território dos *Sudetas* nesse mesmo ano e ao longo do ano seguinte o resto da Checoslováquia. Estes factos e as tentativas posteriores em direcção à Polónia e Roménia deram origem a uma reacção, destinada a impedir a utilização do mesmo argumento para camuflar a vontade expansionista em nome da teoria do “*espaço vital*”³².

A análise da resposta do *III Reich* à resistências das democracias ocidentais permite-lhe realizar uma desmontagem crítica, não só da ideologia nazi mas também do fascismo italiano, considerado um dos seus inspiradores e precursores. A lei do mais forte ou do vencedor serve de base às exigências nazis de novos territórios e riquezas obtidos à custa dos países mais fracos, utilizando uma diplomacia coerciva capaz de permitir a anexação sem declaração formal da

³¹ “Como se explica este procedimento de Chamberlain? No seu espírito actuou, por certo, um motivo nobremente egoísta: o reconhecimento da inferioridade franco-britânica em matéria de aviação e o convencimento da insuficiência da preparação inglesa no tocante à defesa passiva, o que, verificada a eclosão do conflito, poderia condenar os seus compatriotas a massacres inhumanos. Na realidade, porém, a nobreza ingénita de Chamberlain tinha uma razão positiva mais forte para não ousar resistir às prementes exigências de Hitler: é que este invocava o princípio wilsoniano do direito dos povos a decidir dos seus destinos, não havendo de facto, dúvidas acerca do desejo dos sudetas de serem incorporados no Estado alemão. Perante este argumento que já calara fundamentalmente no ânimo do mediano Runciman, o espírito de Chamberlain encontrava-se perfeitamente indefeso. Contra toda a evidência, Chamberlain acreditou na boa-fé de Hitler. E esta ingenuidade foi providencial porque, bem vista as coisas, a destruição da fortaleza tchecoslovaca foi amplamente compensada pelos formidáveis progressos do rearmamento anglo-francês e pelo reconhecimento universal da má-fé hitleriana e da ameaça que o expansionismo germânico representa para a atormentada comunidade internacional.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Chamberlain contra Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 29-30.

³² “Não duvidou e veio, como disse, o golpe da anexação da Morávia e da Boémia e o do protectorado da Eslováquia. E seguiu-se o golpe de Memel. E viria desde logo o golpe de Dantzig e do *corredor* polaco se Chamberlain, oferecendo espontaneamente a assistência britânica à Polónia e à Roménia, no que foi imitado por Daladier, quanto à assistência francesa, não tivesse gritado – *basta!* – em tom suficientemente alto para fazer hesitar, de momento, o dinâmico Hitler. O princípio da legitimidade da incorporação no *Reich* das populações germânicas limítrofes admitira-o, facilmente, o puritanismo de Chamberlain, mas à teoria do *espaço vital* opunha-se a sua rígida concepção do direito e dos interesses da colectividade internacional, harmónicos com o superior interesse do seu país.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Chamberlain contra Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 31.

guerra e, cinicamente, em nome da paz! Hitler, como bom aluno de Mussolini, utiliza o seu conceito de *paz justa* que não significa nada mais do que “a escravização” das nações mais fracas e a pilhagem parcial das grandes nações em proveito das potências do *Eixo*. A hipocrisia de nazis e fascistas consiste em usar o conceito do direito dos povos à emancipação dando-lhe um conteúdo suficientemente ambíguo para cobrir as suas reivindicações ultra-nacionalistas. O racismo e o imperialismo que se escondem por trás destes apelos feitos em nome da paz e da justiça, permitem jogar com a ingenuidade do pacifismo liberal e idealista dominante entre a opinião pública e as elites dirigentes das democracias ocidentais. A ilusão foi duradoura e demorou demasiado tempo a dissipar-se nas mentes e nos espíritos dos estadistas e povos mas, finalmente, deu-se a reacção tão esperada e protagonizada em boa medida pelo primeiro-ministro inglês³³. A estratégia de Chamberlain traduziu-se em responder a Hitler através de uma manobra de envolvimento encurralando a Alemanha entre “o grupo franco-britânico” a Ocidente e a Polónia, Roménia e Turquia a Oriente contando adicionalmente com o apoio dos recurso da Rússia mais a Leste. Esperava obter depois da queda final da Checoslováquia em Março de 1939 através deste “cêrculo do Reich” uma desistência da Alemanha dos seus empreendimentos imperialistas e uma vitória sem guerra. Hitler não estava disponível para esta manobra, pois não podia nem queria parar e, portanto, tentou uma política de separação da Inglaterra e da França que desta vez não resultou. O insucesso dela levou-o a voltar-se para Leste para aliciar a U.R.S.S. de Staline numa estratégia sem o mínimo escrúpulo político³⁴. As concepções do estadista inglês, espécimen da velha ordem europeia em decadência, não estavam totalmente erradas perante as

³³ “Em cada uma das fases da sua ambição megalomânica, Hitler procedeu sempre de harmonia com o mesmo e inalterável método: passar uma esponja sobre as suas afirmações anteriores com um à-vontade dionisiaco; vociferar contra o *diktat* de Versailles, como se os tratados, que rematam guerras, alguma vez tivessem sido outra coisa senão imposições do vencedor ao vencido (já Breno gritara um – *voe victis!* – depois tornado clássico); afirmar o direito do *Reich* a participar na posse das riquezas universais com uma quota proporcional à sua importância numérica e intelectual; proclamar o seu amor pela paz, significando assim o seu desejo de ver satisfeitas, sob coacção, mas sem guerra, todas as suas infundáveis reclamações, enfiadas umas após outras como contas de um rosário. Mussolini, que também tem a sua factura a apresentar às nações ricas e fartas, inventou, para designar a paz *sui generis* a que os dirigentes do *Eixo* aspiravam, uma designação enfática: *paz justa*. E o que é a paz justa de Mussolini? A que resultaria da escravização das nações fracas e da renúncia parcial dos seus bens, feita pelas grandes nações, com um passado histórico e com uma prosperidade derivada de aquisições e trabalhos multi-seculares, em proveito das potências do *Eixo*. Em paga destas abdições super-humanas, prometiam estas cobrir de sarcasmos as nações francamente renunciando, aqueles mesmos sarcasmos com que já as estavam mimoseando na fase agitada das reivindicações, como modo de traduzirem o desprezo do dinamismo audaz da juventude pela impotência caduca de velhice.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Chamberlain contra Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 31-32.

³⁴ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Chamberlain contra Hitler”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 32-33. Ver Milza, Pierre, *ob.cit.*, p. 166-223 e também Kershaw, Ian, *Hitler 1936-1945: Nemesis*, London/New York, Penguin Books, 2001, p. 3-125.

fragilidades militares anglo-francesas herdadas do passado. A culpa do despoletar final da guerra resultou da impossibilidade de manter o *Reich* nazi encurralado e sob pressão internacional. A razão de ser deste facto é consequência de uma inesperada aliança contra natura entre Hitler e Staline.

A traição de Staline

O pacto germano-soviético de 1939 é a expressão mais clara da reviravolta na política internacional produzido pela aproximação entre a Alemanha nazi e a Rússia soviética. A explicação deste fenómeno paradoxal impõe um breve historial do relacionamento entre os dois estados começando pelo antagonismo ideológico. O ponto de partida é a referência ao antimarxismo e antisemitismo do *Mein Kampf* (1925) de Adolfo Hitler, que parecia comportar uma interdição de qualquer acordo, presente ou futuro, com os comunistas que perseguiu, implacavelmente, quando chegou ao poder em 1933. Algo semelhante é detectável na atitude de Joseph Staline depurando e executando o estado-maior soviético favorável a uma colaboração com os nazis. As perseguições estalinistas aos oficiais russos não se devem a estes factos, mas ao receio paranóico de ser derrubado por um golpe de estado militar. Apesar disso, foi invocado nas purgas de 1937 como uma conspiração contra-revolucionária com os alemães para justificar as deportações para o *Gulag* e as execuções que se seguiram³⁵. A violência destas medidas, ancoradas na aparente oposição irreconciliável das ideologias que sustentavam os dois estados totalitários, não impediu a sua reconciliação inesperada. As razões que levaram Hitler a realizá-la foram anteriormente explicitadas. Importava ao autor analisar a questão no que diz respeito às motivações de Estaline, mas para o fazer, teve de analisar as questões centrais da geopolítica e da ideologia dominante na U.R.S.S.. A primeira constatação implica reconhecer a existência de um país, que é um colosso em

³⁵ “Hitler, no *Mein Kampf*, amontoado de sonhos de um primário político e bíblia actual do crêdo nazista, explica, com profusão, os motivos de carácter ideológico e as razões de facto que o levaram a considerar, como flagelos sociais, o marxismo e o judaísmo e a inscrever a luta contra eles no seu programa de acção em prol do engrandecimento da Alemanha. Numerosos comunistas, após a sua chamada ao poder, foram parar aos campos de concentração quando, menos felizes, não foram parar à vala comum. Staline respondeu a estas perseguições eliminando do Estado-maior soviético os oficiais mais adictos à amizade germânica, através de um aparelho judiciário fértil em assassinatos legais. Passam-se alguns anos e verifica-se que as necessidades políticas, bem ou mal compreendidas, levaram os mandantes destas trágicas depurações à prática da política externa preconizada pelas suas vítimas. Não é, de resto, a primeira vez, nem será, por certo, a última que a história nos apontará paradoxos desta natureza.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “O pacto germano-russo”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 36-37. Ver Encausse, Hélène d’, translated by Ionescu, Valence, Stalin. Order through terror, *A History of the Soviet Union*, London/New York, Longman 1981 Vol. II, p. 1-80 e também Volkogonov, Dimitri, *The Rise and Fall of the Soviet Empire. Political Leaders from Lenin to Gorbachev*, edited and translated by Shukman, Harold, London, HarperCollins Publishers, 1999, p. 83-180.

termos de população e território, vivendo sob o signo do comunismo e, portanto, tendo um impacto descomunal nas relações internacionais europeias. Dispondo em teoria de uma economia totalmente socializada dispõe de facto de um sector privado mais pequeno que mantém apesar da propaganda ideológica. A Rússia soviética está sobre pressão externa das potências capitalistas que procuraram levar a cabo a subversão total ou parcial do sistema comunista conduzindo-o a uma forma mais branda capaz de ser compatível com a evolução do “capitalismo plutocrático” no sentido contrário. O “meio termo” assim alcançado permitiria construir uma Europa socialmente equilibrada como base para a sua pacificação no resto do século XX. Face a esta estratégia os bolcheviques tiveram duas respostas simbolizadas pelas personagens de Trotski e Staline e pelo confronto de estratégias opostas, já referidas, de certa maneira, em obras anteriores. A opção do primeiro passa pela ideia de que só se pode vencer o “cêrculo do capitalismo” pela agitação revolucionária e subversão permanente dos países capitalistas para, posteriormente, lançar contra eles as “hordas do bolchevismo”. Estas observações de Cunha Leal, que correspondem *grosso modo* à teoria da revolução permanente de Trotski impunham a recusa da construção do socialismo ou comunismo num só país ou seja na U.R.S.S. e, assim a necessidade de exportar a revolução para as grandes potências europeias evitando a asfixia interna do país³⁶. A alternativa escolhida por Staline apontava noutra direcção como a descreve o autor:

“1) A Rússia atenuaria a virulência do micróbio bolchevista dentro dos países democráticos, dando instruções para que se promovessem alianças episódicas dos partidos esquerdistas para uma acção governativa baseada na luta contra o fascismo e num esboço ténue de socialização. Nasceu desta nova táctica a formação das chamadas *Frentes Populares*, que consagram a passagem da propaganda comunista da zona da ilegalidade para a da legalidade.

2) Excitar-se-ia assim o dinamismo adormecido das democracias, de maneira a tornar inevitável o choque entre elas e os totalitarismos estatais, que, sem aquela reacção orgânica, poderiam, quiçá, atingir a sua finalidade do domínio universal pelo simples emprego da arma da ameaça contra nações em estado permanente de perturbação interna.

3) Pondo de parte a *teoria catastrófica* de Marx para a implantação do comunismo, Staline adoptou a concepção lenineana de um comunismo gerado, através das guerras dos imperialismo rivais, pelo enfraquecimento de um dos inimigos em luta, seguido de uma revolução social habilmente manejada pelos emissários e sectários de Moscovo e susceptível de romper, de vez, o cerco à Rússia organizado pelo capitalismo mundial.”³⁷.

³⁶ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “O pacto germano-russo”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 36-37. Ver Trotsky, Léon, *A Revolução Traída*, Lisboa, Edições Antídoto, 1977, p. 123-144 e p. 199-234.

³⁷ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “O pacto germano-russo”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 38. Ver Volkogonov, Dimitri, *The Rise and Fall of the Soviet Empire. Political Leaders from Lenin to Gorbachev*, edited and translated by Shukman, Harold, London, HarperCollinsPublishers, 1999, p. 83-180.

As opções soviéticas, aparentemente em contradição com as teorias de Trotski e Marx, não eram mais do que a continuação, por outros meios, da estratégia de Lénine pois, os pressupostos sobre a guerra entre imperialismos rivais, abrindo o caminho para a Revolução Universal, baseavam-se nos seus livros nomeadamente no *Imperialismo estágio supremo do capitalismo* (1916). A estratégia das *Frentes Populares* destinava-se não verdadeiramente a apresentar uma frente comum antifascista mas antes a servir de base a uma manobra complexa de subversão global ao provocar o confronto entre as democracias ocidentais e “os totalitarismos estatais”, neste caso sobretudo a Alemanha e eventualmente a Itália. A crise social e política nos países democráticos resultante de uma nova guerra mundial abriria caminho ao derrube do regime capitalista e ao triunfo do comunismo, pelo menos na Europa. As tentativas bem-intencionadas de Chamberlain, juntamente com Daladier para estabelecerem uma aliança anglo-franco-russa, encontrou sempre uma enorme resistência de Estaline nada interessado numa manobra de enfraquecimento da Alemanha que acabaria por ser pacificamente isolada e neutralizada. A vontade de manter a tensão entre as democracias ocidentais e Hitler conduziu a U.R.S.S. a procurar evitar o cerco à Alemanha aproximando-se dela. Simultaneamente por razões contrárias Hitler, Ribbentrop e Von Papen favoreciam o afastamento da Rússia da Inglaterra e da França para poderem continuar as anexações, neste caso da Polónia, sem ter de combater³⁸. O paradoxo final consistiu na negociação secreta que a Rússia Soviética conduziu com a Alemanha nazi, enquanto as delegações aliadas se encontravam em Moscovo a tratar das questões militares, antes de se assinar o tratado entre os três países já dado como certo. As notícias da assinatura do pacto de não agressão germano-soviético apanharam toda a gente de surpresa, mas as delegações aliadas, apesar desta traição esperaram pela declaração russa do fim das negociações, para demonstrarem a sua má fé perante a opinião pública internacional e, especialmente, os comunistas franceses. Assim sendo, o responsável final do desencadear das hostilidades foi Staline que destruiu as últimas hipóteses de paz e, tal como a personagem diabólica do “Mandarim” de Eça de Queiroz, com um toque de campanha permitiu-se matar o “mandarim da paz”. No entanto, a esperança na vitória final das democracias ocidentais não está perdida. Ficou perfeitamente claro a toda a gente quais os objectivos alemães e, simultaneamente, que a capacidade militar anglo-francesa reforçada será, sem dúvida, capaz de “salvaguardar a civilização ocidental”³⁹.

³⁸ “Assim, pois, Staline e Hitler ter-se-iam resolvido a fazer uma surpresa ao mundo por motivos diametralmente opostos: o primeiro queria levar o segundo à guerra à custa de uma reviravolta, que, diminuindo as forças adversas, o induzisse a atitudes perigosas; o segundo julgava evitar por esta forma a guerra sem sacrifício das suas ambições desmedidas. A partir de 1939, iniciaram-se os contactos entre representantes dos dois países porque, se não havia acôrdo quanto às finalidades, havia concordância quanto ao meio de atingi-las.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “O pacto germano-russo”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1 de Novembro de 1939*, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.ª, 1939, p. 41.

³⁹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “O pacto germano-russo”, *A Guerra dia a dia de 1 de Setembro a 1*

O Mein Kampf e o grande Reich.

As esperanças de um desfecho claro e favorável às democracias ocidentais são, em breve, sujeitas a uma certa desilusão com a rápida derrota da Polónia motivada pela *blitzkrieg* alemã (Setembro de 1939) e a desesperada luta pela sobrevivência dos finlandeses face a Staline (Novembro de 1939-Março de 1940). O mais evidente e mais estranho é a inexplicável passividade que se instala na frente ocidental, em que os exércitos aliados e germânico se mantêm desde a queda da Polónia em posições entrenchadas, sem tomarem qualquer iniciativa dando origem a uma “*drôle de guerre*”. No segundo volume da sua obra Cunha Leal começa exactamente por constatar esta estranha realidade para tirar daí imediatas consequências fatais para a Alemanha nazi, acreditando aliás numa profunda indecisão de Hitler e dos seus apaniguados confrontados com o bloqueio, o esgotamento económico e o desânimo provocado pela guerra entre o povo alemão⁴⁰. A ideia da Alemanha se encontrar encurralada num beco sem saída cria a ilusão da sua incapacidade para sair do impasse militar a Ocidente e reforça a sua ilusão na eficácia dos exércitos anglo-franceses protegidos pelas fortalezas fronteiriças da Bélgica, Holanda e França, com especial realce da Linha *Marginot*. Trata-se, sem dúvida, de uma subestimação normal, na época, das capacidades da *Wehrmacht* e da *Luftwaffe* e uma incompreensão do papel das formações blindadas, da aviação de assalto e das forças pára-quedistas na guerra moderna. A campanha da Polónia provavelmente não afectou este juízo apressado por se tratar de um país militarmente isolado e atacado ao mesmo tempo por duas das maiores potências da época: Alemanha Nazi e a U.R.S.S.. A esperança na derrota alemã residiria na crença que tudo seria muito diferente face a dois países com um passado militar glorioso e vencedores da Primeira Guerra Mundial. A Segunda Guerra Mundial tornar-se-ia uma espécie de “*phoney war*” na qual os combates seriam substituídos pela luta nas frentes diplomática e económica e pela propaganda com elas estreitamente articulada.

A evolução dos acontecimentos nesta direcção vai implicar uma valorização das questões ideológicas e entre elas o destino e a validade do nacional-socialismo⁴¹.

de Novembro de 1939, vol. I, Lisboa, Imprensa Lucas & C.^a, 1939, p. 40-42.

⁴⁰ “No entanto, Hitler com a morte na alma, sabe, de ciência certa, que é preciso fazer alguma coisa, mal desponta a primavera. O seu *Reich*, povoado pelos descendentes daqueles germanos de cujos defeitos e virtudes já Tácito nos falara copiosamente, não pode resistir, por tempo indefinido, à conjugação destes três factores: o bloqueio, o esgotamento económico e financeiro e o desânimo provocado por uma guerra, que, em boa verdade, desde o início, foi antipática ao comum dos alemães. O povo germânico adorava um Hitler que sabia realizar conquistas sem ter que travar batalhas, mas já não tem o mesmo entusiasmo por um Hitler que cometeu o erro de o arrastar para uma guerra cuja saída será, fatalmente, a derrota, desde que se prolongue para além de certos limites.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 10-11.

⁴¹ “O seu pensamento orienta-se segundo novos rumos. A imobilização das forças militares dá, neste momento, à guerra aspectos quase exclusivos de luta diplomática, económica e de propaganda. E qual é a posição do nacional-socialismo no meio desta fermentação, mais ou menos surda, de

Nesta perspectiva, o *Mein Kampf* (1925) torna-se essencial para compreender os possíveis desenvolvimentos das iniciativas nazis, extremamente comprometidas pelo impasse militar no Ocidente. A análise da ideologia nazi implica um recuo no tempo até aos seus primórdios na época em que Adolf Hitler trabalhava na construção civil em Viena de Áustria, posterior à Primeira Guerra Mundial. O contacto com os meios operários permitiu-lhe constatar a extrema influência das correntes de pensamento socialistas, com especial destaque para o marxismo que os levava na opinião do *Führer* a pôr em causa todos os valores da sociedade nomeadamente o estado, a pátria, a lei, a escola, a igreja e a moral. A sua argumentação não teria encontrado eco o que o teria levado à convicção da necessidade de recorrer ao terror contra o marxismo. O terrorismo torna-se uma das primeiras vertentes ideológicas do nazismo, primeiro definido e depois aplicado contra os opositores políticos. O pensamento de Hitler no *Mein Kampf*, já anteriormente definido por Cunha Leal como extremamente primário e megalómano, define-se agora por um antimarxismo grosseiro que se nutre de um antisemitismo absurdo assente tudo numa teoria da conspiração que liga os dois temas. Na verdade, retomando a vaga de fundo contra os judeus na Alemanha posterior a 1918, mas com profundas raízes no passado próximo da Europa Central e Oriental, interpreta o avanço do comunismo como manobra subversiva do judaísmo para subverter e aniquilar gradualmente as raças não judaicas⁴². As consequências destas observações, onde existem referências óbvias a mitos antisemitas como os “Protocolos de Sião”, traduzem-se na estranha crença de Adolf Hitler de ser uma personagem escolhida pelo destino com a missão histórica e transcendental a realizar neste mundo, um autêntico e contraditório “*instrumento do Senhor*”⁴³.

acordos e desacordos internacionais? O *Reich*, o grande Reich, que a sua acção soube erguer dentre os escombros de uma Alemanha vencida em guerra anterior, é o associado da Rússia bolchevista!”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalíia Editora, 1940, p. 12.

⁴² “Revoltado, Hitler começou a misturar-se nestr cavacos de sectários e a contradizer os seus interlocutores; mas, como estes não soubessem que contrapor à força irresistível da sua dialéctica, intimaram-no a abandonar o trabalho sob pena de «o projectarem do alto dos andaimes». E o dono actual da Alemanha achou preferível submeter-se – contra a potência não há resistência – levando no coração um ódio profundo, insaciável, contra o marxismo e esta certaza: «o único meio de suprimir a violência marxista consiste em opor-lhe uma violência ainda maior, em responder ao terror pelo terror decuplicado». Mas, meditando mais detidamente sobre o problema marxista durante esta fase da sua vida, Hitler chegara ainda à conclusão de que os judeus, para assegurarem o seu triunfo universal, é que iam infiltrando, lentamente nas veias das raças não-judaicas o veneno destas doutrinas nefastas. O nazismo surgira, portanto, com estas duas características basilares: o anti-marxismo e o anti-semitismo.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalíia Editora, 1940, p. 13. Ver Stern, J.P., *Hitler The Führer and the People*, London, Fontana Press, 1990, 176-202.

⁴³ “Ah!, naqueles tempos, Hitler não duvidava, como agora, do seu destino! A fé em si próprio chegara ao extremo de considerar-se como um *instrumento do Senhor*. E tivera o orgulhoso desprante de afirmá-lo em caracteres de imprensa:

O nazismo tinha uma vertente marcadamente anti-cristã e pagã, já referida anteriormente, por Cunha Leal mas isso nunca impediu Hitler de recorrer ao imaginário cristão do “ungido do senhor” e do “cavaleiro de Deus”! O apelo ao mais profundo do irracional antisemita religioso e medieval reforçava o ódio ao judeu, tornado num estereótipo persecutório da encarnação do mal numa luta apocalíptica entre as forças da luz e das trevas! A deambulação do autor pelo passado do *Führer* permite-lhe analisar a transformação do “misógino da oposição” no “monomaniaco” da “superioridade da raça germânica”, desejoso de impor a ditadura deste povo sobre a Europa e o mundo. A linha de acção teria de basear-se numa abordagem política na qual os fins justificariam os meios seguindo *Il Príncipe* de Nicolau Maquiavel que considera o “padre-mestre do cinismo político”. Assim sendo, a *razão de Estado* maquiavélica permitiria levar a cabo o seu projecto totalitário de destruir no coração os sentimentos humanos, nomeadamente a dedicação à família, o amor feminino, a amizade, o culto dos antepassados⁴⁴. A unidade forçada dos alemães só se podia construir através de uma profunda desumanização, impossível de ser realizada sem o recurso a duas personagens diabólicas e algo faustianas como Goebbels e Himmler. Na verdade, Hitler precisava destes coadjutores, um no campo da propaganda e da intoxicação psicológica da opinião pública alemã o outro na repressão terrorista que conduzia ao mundo dos campos de concentração nazis⁴⁵.

«O marxismo repele o princípio aristocrático, que se funda na natureza: ao direito eternamente superior dos seres fortes e poderosos opõe o número, a massa, com o seu péso inerte. Nega assim o valor da pessoa humana, não leva em linha de conta a desigualdade das raças, rouba ao homem o que é condição primária da sua cultura e da sua existência... Se o judeu, com o auxílio da sua profissão de fé marxista, acabasse por dominar os povos, a sua coroa de triunfo seria para a humanidade uma coroa mortuária e aterra por nós habitada tornar-se-ia um planeta girando, vazio de homens, no éter, como rolava há milhões de anos.

«A natureza humana, inexorável, pune tôdas as transgressões aos seus mandamentos.

«Creio, portanto, que estou actuando no sentido marcado pelo Criador todo-poderoso: lutando contra o judeu, defendendo a obra do Senhor.»». Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 13-14. Ver Stern, J.P., *Hitler The Führer and the People*, London, Fontana Press, 1990, 70-82.

⁴⁴ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 14.

⁴⁵ “Antes de mais nada, êle teria de forjar a unidade, a coesão indestrutível daquela facção dos alemães que viviam dentro das fronteiras traçadas pelo odiado Tratado de Versalhes. Para isso, encarregaria o astucioso Goebbels de instilar-lhe nas veias, como um veneno, o desmedido sonho pangermanista da hegemonia mundial, transformando o *Reich* em colossal *Casa de ópio* e os alemães em devotos dos *paraísos artificiais*. Para aqueles que, teimosamente, resistissem ao contágio, mandaria adoptar o processo do terror, sem a mais ligeira concessão ao humanitarismo. Himmler que fizesse para isso o necessário, que criasse mais ou menos campos de concentração, que inventasse torturas mais ou menos refinadas. Intrincheirado na sua casa de Berchtesgaden ou no ninho de águias, com paredes de cristal, por êle mandado erguer no alto da montanha que a domina, Hitler prometia ao chefe da *Gestapo* ter orelhas moucas para os gritos enlouquecidos das vítimas.”, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 14-15. Ver Kershaw, Ian, *Hitler 1889-1936: Hubris*, London/New York, Penguin Books, 2001, p. 429-526 e também Kershaw, Ian, *Hitler 1936-1945: Nemesis*, London/New York, Penguin Books, 2001, p. 3-60.

O pangermanismo seria, enquanto elemento ideológico do nazismo, o autêntico ópio do povo, uma perigosa droga capaz de induzir estados de euforia colectiva e alucinações na nação alemã. A referência à obra de Charles Baudelaire *Os Paraísos Artificiais* apenas reforça esta imagem de um estado fora da realidade no qual vivem os alemães sob domínio nazi. O terror era necessário para esmagar todos aqueles que não cedessem a este verdadeiro encantamento ideológico e a Gestapo e os campos de concentração eram parte inerente a todo o sistema político totalitário. O processo de sedução e de coacção aplicado aos alemães seria posteriormente empregado na política externa nazi para enganar as democracias ocidentais e fazer vergar os países mais fracos numa versão do “*douche escocês*”. As técnicas clássicas de corrupção, intimidação e subversão do adversário, seriam utilizadas contra os outros estados de forma amoral, numa réplica em escala maior do experimentado para a conquista do poder na Alemanha sem, no entanto, ter de recorrer à guerra detestada pelos alemães⁴⁶. A estratégia seria bem sucedida durante algum tempo, parecendo confirmar as suas profecias com a anexação da Áustria e da Checoslováquia e a destruição do tão odiado Tratado de Versalhes (1919). A vontade de conquistar a Polónia na ânsia de realizar o sonho de encontrar o “*espaço vital*” germânico veio pôr tudo em causa. Incapaz de seduzir as democracias ocidentais, cederia ele próprio às palavras encantatórias do ministro dos negócios estrangeiros do *Reich*, Ribbentrop, que desempenhou aqui o papel do diabo do mito do *Fausto* de Goethe. O Fausto-Hiter lembraria ou refundaria os pressupostos ideológicos do nazismo, marcados por um princípio aristocrático e um racismo pagão que recusava a igualdade dos indivíduos, das raças e dos povos. Aliás, os aspectos referentes à estrutura económica e social do comunismo incomodavam-no menos do que os internacionalistas, pois só estes punham em causa a superioridade da “nação germânica”. Os argumentos de Ribbentrop prometiam-lhe, em nome de um amoralismo político, a suspensão do anti-comunismo no plano externo para a obtenção do controlo pacífico da Europa do Sudoeste e do Ocidente. O célebre *drag nach osten*, ou seja, a marcha para leste contra a Rússia em busca de um *espaço vital* e réplica do expansionismo teutónico medieval, previsto no *Mein Kampf* como prioritário, poderia ficar para segundo momento sem destruir os objectivos essenciais do seu programa⁴⁷.

A aliança com Staline, se lhe permitiu a conquista da Polónia, deixou-o em guerra com a Inglaterra e a França, destruindo os seus projectos de manter o ritmo das anexações sem o povo alemão combater, como desejaria. Contudo, a situação pior encontra-se no campo ideológico, sendo obrigado a renegar os fundamentos do nazismo ao aliar-se ao comunismo e, como foi por ele referido, ao judaísmo

⁴⁶ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 15-16.

⁴⁷ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 16-18.

tão detestado. Aliás, a sua “megalomania trepidante” coloca-o na dependência económica e estratégica de Staline, ficando na verdade praticamente nas mãos de tão odiado inimigo e não numa posição de igualdade⁴⁸. Estas reflexões podem pecar por um desconhecimento mais profundo das motivações de Hitler e por uma hipervalorização da ideologia na tomada das suas decisões. Porém, não deixam de ser uma análise objectiva das contradições do nazismo, o que lhe permite, de seguida, ironizar sobre a visão do mundo expressa no *Mein Kampf*, nomeadamente em torno do tema da “raça superior” conduzindo ao colapso da Alemanha e à aliança com o tão temido “asiatismo” identificado com a Rússia soviética⁴⁹. Estas observações não o fazem desanimar perante as adversidades do presente e a imagem irrealista de desalento que deixa de Hitler permite-lhe augurar a vitória desinteressada da França e da Inglaterra: a construção de um mundo melhor, assente num estado destinado a servir a justiça e os cidadãos e o triunfo de uma nova ordem internacional baseada na fraternidade dos povos, será possível no futuro em oposição ao “*Moloch-Estado*” dos regimes totalitários do presente⁵⁰! Assim sendo, os valores da civilização europeia não serão destruídos mas salvaguardados como património fundamental da construção do mundo futuro.

⁴⁸ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 18.

⁴⁹ “Se a fé de Hitler em si próprio deve estar profundamente abalada, terá, ao menos, subsistido, no meio da derrocada ideológica causada por uma tempestade dentro de um crânio, a sua fé no destino e na superioridade da raça germânica? Se um cataclismo descomunal despedaçasse grande parte da crosta terrestre e fizesse surgir do seio do oceano, em convulsões de parto, novos Himalaias, bastaria que tivesse escapado uma mão-cheia de homens da espécie superior para que se reacendesse o facho da cultura e, sob formas novas, renascesse a civilização. Assim o pensava Hitler antes do seu advento e assim o escreveu no *Mein Kampf*? Poderá ser, porém, olhada como superior uma raça que lhe permitiu a êle, Hitler, que, despeitado pelos diques opostos à sua incessante extravasão para além-fronteiras, tivesse aberto as portas da Europa ao asiaticismo e pusesse em risco a obra de Bismarck? E qual será o destino dessa raça tão passivamente submissa às directivas do primeiro que ousa tomar-se por uma águia quando não passa de um milhano? Porventura a raça germânica regressará ao fracionamento político que é a constante fundamental do seu passado? *Et quid inde?*”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 18-19.

⁵⁰ “No campo dos seus adversários reina, ao contrário, a serenidade própria de homens cujas consciências, nestas horas de provação, não duvidam nem do direito que lhes assiste, nem da lisura do seu procedimento na fase anterior à catástrofe. Os estadistas britânicos e franceses não fizeram entrar os seus países no conflito actual com a mira em emolumentos geo-populacionais, ou em quaisquer outros proveitos materiais. Crêem, firmemente, na vitória da sua causa, mas sabem que do fenómeno em marcha só lhes advirão prejuízos. Mas isso nem os detém, nem os desconsola, por isso que têm a convicção de que estão trabalhando pelo advento de um mundo novo em que a justiça não seja uma palavra vã, em que o homem não seja a vítima oferecida em holocausto ao Moloch-Estado, mas sim o alvo dos cuidados do Estado, em que a fraternidade e a colaboração dos povos deixem de ser um ideal longínquo para se tornarem em realidade tangível.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “A figura central do drama europeu”, *A Guerra dia a dia de 1 de Novembro de 1939 a 1 de Janeiro de 1940*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 19.

Vem aí o tufão

O momento presente confrontava a civilização europeia com os desafios terríveis derivados da Segunda Guerra Mundial e os dilemas daí decorrentes no que se refere à preservação da paz pelos não combatentes. Uma das questões presentes em todos os conflitos mundiais foi sempre o papel e o estatuto dos países neutros frente às potências beligerantes. A própria concepção de neutralidade evoluiu ao longo séculos impondo uma nova reflexão sobre este tema face ao confronto decorrente das hostilidades entre os aliados e a Alemanha⁵¹. O facto de se assistir a uma aparente imobilidade nas operações terrestres, com relativa intensificação dos confrontos navais e da guerra submarina, coloca em primeiro plano a questão dos bloqueios económicos e da neutralidade de uma forma ainda mais premente. Cunha Leal esforça-se por fazer uma breve história da evolução da ideia de neutralidade nos séculos XIX e XX, oscilando entre dois modelos diferentes conforme se tratasse ou não de uma guerra total. No primeiro caso os direitos dos neutros foram plenamente reconhecidos e respeitados, enquanto no segundo caso não se tolerava a existência destes estados “abstencionistas” porque o desfecho da luta implicava uma radical mudança da ordem internacional⁵². A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) colocou de novo o problema da neutralidade na ordem do dia, como resultado do impasse militar na frente ocidental, que levou à aparentemente interminável guerra das trincheiras. Adoptando o primeiro modelo os alemães, submetidos a um terrível bloqueio terrestre e marítimo pelas potências aliadas, defenderam os direitos dos neutros essenciais à manutenção das suas relações comerciais com o exterior e o abastecimento de matérias primas e alimentos para a indústria e para os seus nacionais. Os aliados, afirmando-se como defensores da “colectividade europeia”, presumiam tacitamente representar os interesses de todos os países, mesmo os neutros, afectados pela acção do grande perturbador germânico da ordem europeia. O restabelecimento da ordem internacional obrigava à derrota da Alemanha e, portanto, à guerra “totalitária”, não abarcando só os estados mas também os indivíduos. A vertente económica assumia uma especial importância,

⁵¹ “No decurso da segunda, terceira e quarta décadas do século XX, o problema da neutralidade tem evoluído por forma tal que o direito internacional correlativo, encontrando-se em plena elaboração, ainda não fixou regras uniformemente aceites no tocante ao conteúdo de direitos e deveres inerentes à categoria de neutros. Em tais condições, estes têm natural tendência para exagerarem os primeiros e restringirem os segundos, ao passo que com os beligerantes sucede exactamente o contrário. Desta antinomia de critérios resultam choques e atritos de que os sete meses transactos nos fornecem exemplos sem conto. Pode mesmo dizer-se que este espaço de tempo decorreu sob o signo da incompreensão entre os beligerantes e os neutros, que esta questão sobrelevou em importância aos assuntos militares propriamente ditos e que, por fim, parece querer emergir dos acontecimentos um novo conceito de neutralidade”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 8.

⁵² Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 8-12.

não permitindo o respeito absoluto dos direitos dos neutros, que deviam ser reduzidos ao mínimo perante as necessidades de destruir a Alemanha única verdadeira garantia de segurança dos países não beligerantes! Assim, o segundo modelo triunfou apenas com pequenas modificações destinadas a dar uma aparente satisfação ao direito internacional existente⁵³.

O modelo sobreviveu ao final das hostilidades em 1918 e foi transposto para a Sociedade das Nações (1919) que o consagrou nos seus estatutos, embora desde o início ficasse amputado do seu universalismo devido à ausência dos Estados Unidos da América, mau grado o idealismo do presidente W. Wilson⁵⁴. Seja como for, o insucesso da S.D.N. tornou-se visível na sequência da invasão da Etiópia por Mussolini. As sanções económicas e financeiras, decretadas em 1935 contra a Itália, foram boicotadas por uma série de estados sobre os mais diversos pretextos. As posteriores acções da Alemanha nazi rasgando o Tratado de Versalhes e iniciando um “expansionismo geo-populacional” foi a consequência directa da irresponsabilidade de boa parte da comunidade internacional. Destruída a autoridade da S.D.N., assistiu-se ao regresso do primeiro modelo de neutralidade, adoptado de imediato por vários estados como a Holanda, a Bélgica – com os Estados Unidos à cabeça – o que é muito criticado e reputado o reflexo do pânico irracional em que o todo se enfraquece pelo desejo de cada um se proteger isoladamente. A Segunda Guerra Mundial iniciada em 1939 é considerada, como “a continuação da guerra anterior depois de um armistício de vinte e um anos.”⁵⁵. A continuidade temporal com o próximo passado bélico da Europa de 1914-1918 justifica um retomar do problema da neutralidade. Agora, confrontado com uma ideologia racista e neo-pagã, capaz de destruir a civilização ocidental e de, contraditoriamente, utilizar em seu proveito as concepções do imperialismo romano para dominar e escravizar os povos vizinhos, para enfim, dominar o mundo⁵⁶! A posição moral da Inglaterra e da França como defensores dos “valores mais altos da civilização”, identificados com os da Europa, é sem dúvida superior à Alemanha. Os aliados recuperaram as concepções anteriores, no referente à neutralidade, mas assumindo a necessária evolução dos conceitos resultantes das mudanças políticas. Nessa perspectiva, o facto do *III Reich* na prática pretender ser o dono de todos os bens económicos justifica o confisco sem remissão de todos os bens do país inimigo mesmo nas mãos dos neutros⁵⁷. A Alemanha procura impor a sua visão da neutralidade que não é um retomar do modelo clássico como na Primeira Guerra Mundial. Pressupõe uma pressão, política e económica crescente,

⁵³ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 12-15.

⁵⁴ “A S.D.N., criada após a vitória dos aliados

⁵⁵ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 16-17.

⁵⁶ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 17.

⁵⁷ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 19-20.

sobre os neutros para obter apoios e recursos capazes de compensar o país pelas importações e exportações que o bloqueio aliado não lhe permite realizar. O aumento desta pressão acabará por se tornar insuportável para estes países, impedidos de importar matérias-primas e reexportar as mercadorias alemãs pelo bloqueio dos ingleses e franceses. O desfecho final implicitamente vai obrigá-los a tomarem mais cedo, ou mais tarde, partido por um, ou outro lado, sendo ilusória a manutenção da neutralidade eternamente⁵⁸. Nesta perspectiva, a posição dos neutros é moralmente indefensável e politicamente insustentável⁵⁹. A crítica aos países neutros envolve uma subtil reprovação da posição portuguesa, embora o alvo mais directo seja a política isolacionista dos Estados Unidos da América, que o presidente Roosevelt não parece conseguir inverter. As acusações são duras contra os americanos que, antes da guerra, acusavam as democracias ocidentais de quererem defender os interesses da civilização não se opondo firmemente a todos os atentados contra ela. Assim que a guerra começou comportam-se de forma vergonhosa, abandonando os democratas europeus; criando constantes dificuldades à luta contra a Alemanha e, para cúmulo, enviando emissários à Europa com o intuito de pressionar a França e a Inglaterra a negociarem uma paz que destruiria os princípios que pretensamente defendem⁶⁰. A razão desta atitude é complexa mas não protege os Estados Unidos do flagelo da guerra que, como um tufão, atingirá inevitavelmente todos os países e implicitamente Portugal:

“Não é esta a altura própria para tentar uma explicação dêste fenómeno psicológico interessantíssimo. Contentar-me-ei, por ora, em constatar que, apesar de tudo, nem os próprios Estados Unidos, bem lá nos recessos do seu íntimo, supõem poder escapar ao flagelo desta guerra estranha e perturbante. A guerra atrai, a guerra é a voragem! Pobres daqueles que ousaram traçar uma linha ideal de conduta, convencidos de que assim poderão subtrair-se, e aos povos por êles governados, aos desastres que a guerra encerra em seus flancos túrgidos e maléficos! Os homens podem dirigir e aproveitar as forças da natureza, enquanto não atingem determinada intensidade, mas para além desta, passam de dominadores a dominados e o melhor que têm a fazer é deixar-se arrastar por elas. Resistir-lhes é insânia.

⁵⁸ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 20-24.

⁵⁹ “Em resumo, a guerra iniciada em 1 de Setembro de 1939 vem demonstrando, dia a dia, a dificuldade da manutenção de certas neutralidades. A história há-de registar, mais tarde o procedimento dos neutros de 1939 e 1940 como manifestação da incoerência humana. Porque – repare-se – até mesmo aquelas nações que, como os Estados Unidos, estão colocadas fora das zonas de tufões sabem que o cataclismo em breve se aproximará das suas fronteiras se agora os ingleses e franceses não no conseguissem deter. Assim o tem proclamado vezes sem conto o presidente Roosevelt, com aplauso, ao que parece, dos seus desnorteados concidadãos, se dermos crédito aos seus institutos de investigação da opinião pública.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 24.

⁶⁰ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 24-25.

Pois, senhores, vem aí o tufão...!”⁶¹.

Ideologias e totalitarismos estatais

A reflexão sobre a evolução da Segunda Guerra Mundial, sob a forma de um balanço provisório, no início do quarto volume da obra de Cunha Leal. Na verdade, os sete meses que decorreram desde o início do conflito, apenas reforçam a sensação de estranheza perante a evolução que parece escapar à compreensão do homem comum. Este facto induz uma reacção de desorientação nos indivíduos que procuram agarrar-se às suas crenças ideológicas como última barreira protectora contra os aspectos mais desagradáveis desta incómoda realidade. Na perspectiva do autor a alternância cíclica entre as “fases de mutação mansa e correntia” e os “períodos revoltos” conduz obrigatoriamente os indivíduos, em geral, com dificuldades em adaptar as suas mentalidades a mudanças rápidas, a um fanatismo capaz de produzir os piores erros e crimes num autêntico clima de “insanidade mental”. A crítica à alienação produzida nos espíritos humanos pelas ideologias insere-se numa interpretação mais complexa da Segunda Guerra Mundial, interpretada inicialmente como “uma luta de ideologias”. Numa segunda análise sobressai a ideia de uma maior complexidade nesta guerra, pois o fundamental parece ser uma série de combates entre as diferentes ideologias e a realidade. Estes “complexos de conceitos intelectuais” demonstram ser totalmente falsos perante a evolução dos acontecimentos não conseguindo sobreviver quando o véu da ilusão se desfaz face aos factos⁶². Não significa isto qualquer hesitação do autor sobre a sua identificação com a civilização greco-romano-cristã⁶³.

Na verdade, fornece-nos a imagem da Europa, do ponto de vista cultural, a Europa pela qual vale a pena lutar contra os pesadelos totalitários que negam os seus valores essenciais, nascidos da tradição clássica, do cristianismo, do humanismo, do iluminismo e do liberalismo. A existência deste núcleo duro de valores fundamentais faz-lhe ter esperança na “superioridade moral” das democracias ocidentais na luta contra as potências totalitárias porque, se os

⁶¹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Beligerantes e neutros”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. III, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 25-26.

⁶² Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Abril a 1 de Julho de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 7-8.

⁶³ “No caso actual, é para mim ponto inamovível de fé que as edificações destinadas a subsistir são os valores morais a que presta culto a civilização greco-romano-cristã: a beleza, a bondade, a justiça, a verdade, o respeito pelos direitos naturais do homem, a boa-fé no cumprimento dos contratos e tratados e tantos outros bem diversos dos mitos falazes erguidos pela cegueira humana à categoria pomposa de axiomas, verbi gratias – a hierarquia das raças, a subordinação absoluta e cega do individual ao colectivo, o desrespeito pelos contratos e tratados, sempre que não sirvam os interesses da parte mais forte, a negação dos direitos naturais, o primado da força sobre o direito e tutti quanti.”. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugalia Editora, 1940, p. 9.

aspectos económicos e materiais são importantes para o desfecho deste combate, a resistência da ideologia mais forte determina o vencedor nesta guerra total. A importância dos factores de ordem psicológica assim o impõe perante o confronto com a realidade e, nesta linha de pensamento, a ideologia aparentemente mais dinâmica e conquistadora poderá não sobreviver perante as dificuldades sofridas pelos povos na longa duração⁶⁴. Todavia, a plena compreensão destas observações obrigam-nos a debruçarmo-nos mais uma vez sobre a sua concepção da ideologia⁶⁵. A noção de ideologia, como expressão de uma estratégia de poder, revela-se um subproduto de uma estratégia política mas estritamente articulada com os interesses materiais. Ou seja, reflecte as necessidades económicas e políticas de um grupo humano de dinamizarem os seus membros com vista a uma dinamização da sua capacidade de combate e domínio sobre outros grupos humanos. Existe, assim, uma visão da ideologização, de certa maneira como reflexo de certos interesses económico-sociais que recordam certas concepções marxistas e leninistas da ideologia. Reconhece-lhe uma autonomia e capacidade de determinar a evolução da realidade que está mais de acordo com as suas concepções anteriores da ideologia e evita cair nas concepções opostas do idealismo puro. A instrumentalização das ideias ao serviço da guerra converte-as nas ideologias dominantes que se confrontam embora sem renegar a validade da oposição entre o bem e o mal. A análise do papel das ideologias no prolongamento das hostilidades da Segunda Guerra Mundial leva-o a pensar que a guerra só poderá, paradoxalmente, encurtar-se se as democracias ocidentais tiverem a capacidade e coragem de generalizarem o conflito militar, obrigando a um intensificação dos “consumos” “bélicos” e forçando o desfecho final que passará pela vitória dos aliados. Esta sua posição é também, de certa maneira, uma

⁶⁴ “A guerra a que vimos assistindo, é uma guerra total que mobiliza milhões e milhões de homens e a integralidade das consciências esclarecidas do universo. O simples emprêgo da força bruta não basta para se obter a decisão. O aspecto económico do conflito reveste-se de maior importância do que o aspecto militar propriamente dito. E, em última análise, será a superioridade moral de um dos adversários a causa final da sua vitória sobre o outro. Ora será exactamente pela sua acção directa sobre a tonalidade psicológica dos contendores que se comprovará qual dos quadros de valores culturais por eles aceites é mais próprio para excitar as energias físicas e espirituais dos homens. Pode dar-se o caso de que, no primeiro arranço, um dos sistemas ideológicos empreste aos seus adeptos mais dinamismo que o outro, mas só o decorrer do tempo poderá demonstrar se a sua capacidade motriz da actividade humana não se esgota com maior velocidade do que a daquele sistema que mantêm as almas em estado de vibração mais constante.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 8-9.

⁶⁵ “Como já atrás se afirmou, a guerra não é uma luta de ideologias: é um conflito de interesses materiais. As ideologias são apenas os meios que os dirigentes utilizam para darem à energia dos dirigidos o máximo de potencialidades e rendimento. O triunfo dos portadores de um desses grupos de interesses opostos, quando se trata de guerras com carácter universalista, aumenta, durante um lapso de tempo maior ou menor, o poder de irradiação dos valores culturais determinantes da vitória. É que a realidade fez eclipsar aqueles outros valores propugnados pelos vencidos, embora, mais tarde, eles tornem a emergir da zona de penumbra da consciência humana. Creio que fica assim bem definido o verdadeiro significado das guerras e o papel que, dentro delas, representam as ideias – papel que é tanto mais importante quanto maior seja a sua amplitude.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 11.

inversão da leitura anterior dos eventos militares, onde prognosticou a “longa duração” do conflito, em oposição à opinião daqueles que, defendendo que a guerra de facto teria começado nos finais de 1934 e inícios de 1935, o esgotamento mútuo dos combatentes levaria aos seu término antes de 1 de Setembro de 1939. Os acontecimentos desmentiram esta esperança piedosa mas é preciso agir sobre a realidade para acabar rapidamente com o confronto.

A urgência desta tarefa obriga-o a reflectir sobre as atitudes presentes e futuras de Mussolini e Staline, dois dos protagonistas da política internacional. No caso do primeiro, o ponto de partida passa obrigatoriamente por uma investigação das motivações ideológicas do fascismo italiano, precursor do nazismo e seu “parceiro axial”. Em consequência é absolutamente céptico quanto às tentativas dos aliados, escudados na opinião da “Casa Real de Itália”, do “comando superior da Fôrça Publica” e no “Vaticano”, que seria possível repetir os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial: o interesse do Duce e da Itália estaria em travar Hitler, alinhando com os aliados, para não se ver uma dia obrigado a enfrentar sozinho o *Führer*. O argumento peca por defeito, por não se lembrarem os seus autores que a emergência de factores de ordem ideológica, no período entre as guerras, alterou substancialmente os dados do problema. As ideologias emergentes declaravam a guerra dos “países pobres” aos “países ricos” afim de se apoderaram das suas riquezas o que sendo uma possível referência às concepções leninistas é principalmente uma referência ao tema fascista das “nações proletárias” em confronto com os países capitalistas⁶⁶. Seja como for, Mussolini não pode deixar de seguir Hitler, pois ele seduziu-o com a promessa de um império no Mediterrâneo e, de qualquer modo, o Duce tornou-se prisioneiro da ideologia que criou e que desejava utilizar como meio para atingir um fim: o poder absoluto. Assim sendo, os dois “totalitarismos estatais” são perfeitamente inseparáveis dependendo um do outro para garantirem a sobrevivência comum⁶⁷. No que diz respeito à U.R.S.S., as suas observações são igualmente impiedosas, não hesitando em utilizar uma linguagem agressiva para desmistificar os analistas políticos que viram em Staline uma encarnação contemporânea da “alma errática” dos grandes czares do passado, como Pedro o Grande ou a Grande Catarina. O erro foi considerar as anexações da Estónia, Letónia, Lituânia, de parte da Polónia, as ameaças à Roménia e a invasão da Finlândia como simples continuação do imperialismo da velha Rússia, disfarçado com as roupas do comunismo. A geopolítica seria mais determinante do que a ideologia no comportamento político de Staline, esquecendo-se todos da verdadeira natureza sanguinária da personagem, marcada por uma obsessão

⁶⁶“(…) tal foi a criação de ideologias destinadas a incitar os países pobres ao assalto dos países ricos, numa espécie de jacquerie universal visando não ao estabelecimento do igualitarismo comunitário, mas sim a transformar os pobres em ricos e os ricos em pobres. (...)”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 12.

⁶⁷Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 12-13.

ideológica que ocupava agora o lugar da espiritualidade anormal que o possuía no passado como seminarista. A descrição da personagem do “habitante do Kremlin”, tão ao gosto da complexidade psicológica contraditória dos demónios íntimos que dominam as obras de Dostoievski, serve de justificação para a interpretação do seu imperialismo como sendo de natureza essencialmente ideológica. O enraizamento territorial na Rússia é puramente secundário e contingente não se baseando em qualquer estratégia nacional, ou melhor dizendo, nacionalista de expansão do país⁶⁸. O verdadeiro objectivo é o domínio mundial do comunismo para o qual todos os meios são válidos e utilizando as táticas de um “asiatismo” implacável tão fascinante como “o olhar das serpentes”⁶⁹. A última referência à existência de uma vertente asiática em Staline e na Rússia parece ser uma inexplicável cedência à ideia, tão corrente na época, de que a Rússia nunca fora totalmente europeia e nela existira uma marca histórica asiática. A ditadura bolchevique na U.R.S.S. seria assim a continuação de um despotismo oriental sempre presente no regime czarista. No entanto, não nos podemos esquecer que muitas das iniciativas leninistas depois desenvolvidas em torno do culto do grande líder, nomeadamente a mumificação dos corpos dos dirigentes, não era bem vista pelos comunistas ocidentais, sendo considerado um desvio ideológico e comportamental dos bolcheviques orientais como Staline.

Assim caiu Bizâncio...

As reflexões sobre a guerra e as ideologias não o impedem de ter uma posição de “observador apaixonado” mas “imparcial” na análise da evolução dos acontecimentos políticos e militares como o referem os críticos da imprensa portuguesa da época. Não renega o primeiro epíteto. Assume claramente a escolha do campo da civilização ocidental identificado escatologicamente com o bem na luta apocalíptica contra o mal⁷⁰. A valorização dos atributos de Deus,

⁶⁸ “*Degradava-se assim o bolchevique caucasiano, o truculento depurador da U.R.S.S., o sangüinário habitante do Kremlin, à categoria de transfuga ideológico, esquecido de uma obsessão espiritual que outrora raiava pelos limites da anormalidade. Sustentei contra os que assim pensavam e sustento ainda hoje que o imperialismo de Staline é um imperialismo ideológico, «sui generis», que, ao alastrar pela Terra como o azeite sobre papel, não cura de arranjar um suporte geográfico mais vasto para um povo dinâmico, antes trata de obter o orbe terráqueo inteiro para suporte de uma doutrina nefasta, que já infelicitou a Rússia e aspira a desorganizar a comunidade internacional.*”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 13-14.

⁶⁹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 14.

⁷⁰ “*Perante o drama ingente que ameaça de integral subversão aquilo que há de mais precioso à superfície do nosso pobre e atormentado planeta – a civilização ocidental – considerar-me-ia, por assim dizer, deshonrado se não tomasse partido, se me conservasse indiferente ao fenómeno. Quando os homens assistem a um conflito gravíssimo, em que de um lado está a Justiça e do outro a Injustiça, de um lado está o Bem e do outro o Mal, dum lado está a Verdade e do outro a Mentira, serão indignos se não se puserem ao lado da Justiça, do Bem e da Verdade, considerados como atributos de Deus. A minha paixão pela causa dos aliados justifico-a, em primeiro lugar, pelo meu culto formal e real por êstes princípios superiores e, em segundo lugar, pelo interesse*

na linha de um filosofia antiga e renascentista de raiz platónica e neoplatónica que os identifica com os valores morais supremos inerentes à condição divina e, por sua via, seus determinantes situa-o como herdeiro de um humanismo cristão perfeitamente compatível com o outro valor supremo - o interesse da pátria! O lugar dos autênticos cristãos e dos verdadeiros patriotas é ao lado dos aliados, ao contrário do que pretendem os seus adversários germanófilos. A paixão pela causa aliada não o impede de olhar com objectividade para os acontecimentos, mesmo que a imparcialidade seja mais um desejo do ser humano do que uma realidade, já que é praticamente impossível produzir qualquer tipo de análise política consciente ou inconsciente sem estar presente “uma orientação ideológica”. O “observador apaixonado” e “imparcial” não se esconde por trás de uma pretensa neutralidade ideológica para assumir corajosamente, em momento de perigo, o lado da “causa justa”⁷¹. O amor à pátria faz-lhe desejar que a guerra não atinja Portugal e que a paz não traga novas desilusões como aconteceu em 1919. No entanto, o momento não é só de sombras mas também o tempo de sonhar com uma nova Europa:

“A-pesar-de todos os pesares, creio, piamente, que, através de descomunais provações, através do luto e da dor, através de destruições materiais sem conto, a humanidade está forjando um destino melhor; que vai tornar-se mais íntima a solidariedade entre as nações e ainda entre os homens; que o egoísmo vai moderar os seus ímpetus ferozes; que as instituições político-sociais vão aperfeiçoar-se, sem fazerem perder aos homens a sua individualidade e o gosto pela vida; que determinadas criaturas vão acorrentar nas gehenas do seu subconsciente certas ideas anti-sociais próprias do homem das cavernas. O trabalho a que meti ombros é, de resto, um acto de fé. O seu autor, colocado no limiar de uma Europa nova, cujos lineamentos mal se divisam por entre brumas espessas, faz os seus prognósticos, não à laia de observador desapaixonado que situe as construções do futuro no mundo do ser, mas sim à laia de crente que tente situá-las no mundo do deve ser.”⁷².

No entanto, o momento presente implica para ser vivido plenamente ter a consciência das urgências da hora trágica que se vive, o que implica a preservação da independência nacional e, portanto, suspender todas as quezílias entre os nacionais. Os portugueses devem fazer tudo para defender a “unidade nacional” em casos de extremo perigo porque a zizânia entre os cidadãos apenas conduz a pátria a ter o destino de Bizâncio⁷³. Algo perfeitamente absurdo porque

da minha pátria.”, Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 15-16.

⁷¹ Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 16-17.

⁷² Cfr. Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 17-18

⁷³ “*Anda a morte rondando em tórno dos homens e das nações com sinistra persistência. Ao evocar séculos de história, com frequência gloriosa, às vezes simplesmente lamentável, importa ter presente que o primeiro dever dos vivos consiste em garantir a continuidade entre a obra realizada pelos mortos e a obra a realizar*

com os seus “oito séculos de história independente” era “o povo mais antigo da Europa”. Assim sendo, a independência nacional e a vitória dos valores da civilização ocidental estão intimamente ligados na luta pela Europa e pelo futuro da humanidade.

*pelos nascituros. O presente é, com efeito, o enlace necessário entre o passado e o futuro. Quando o presente não se mostra digno da sua missão histórica, sobrevém, por vezes, a morte, o mergulho fatal no abismo, quase sempre resultante de se haver quebrado a unidade nacional em ocasiões de extremo perigo, de os homens não estarem à altura das circunstâncias, de persistirem nas suas rixas, nas suas intermináveis discussões quando já o inimigo se avista ao longe. Assim caiu Bizâncio. Que este exemplo clássico não seja olvidado na hora presente!” Leal, Francisco Pinto de Cunha, “Olhando para trás”, *A Guerra dia a dia de 1 de Janeiro a 1 de Abril de 1940*, vol. IV, Lisboa/Rio de Janeiro, Portugália Editora, 1940, p. 18-19.*

